

Acervos, histórias e arquiteturas: notas sobre ensino e pesquisa

JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA

JONAS DELECAVE

VICTOR PRÓSPERO

JOÃO FIAMMENGHI

Nos últimos anos, no Brasil, trabalhos de cunho historiográfico em torno de fontes e arquivos, seminários especializados no tema, iniciativas institucionais e particulares de preservação documental, controvérsias em torno da exportação de itens de acervos e mesmo de acervos inteiros, para não falar de acaloradas discussões em redes sociais, vêm consolidando a consciência do valor histórico-cultural dos acervos de arquitetura e urbanismo. Os debates giram em torno de suas posições em relação às instituições culturais, acadêmicas e profissionais, mas também – e fundamentalmente – de sua centralidade para a formação, a história e a memória em arquitetura e urbanismo.

Arquitetura no Brasil ou uma história primitiva dos acervos

É certo que, por mais estável que seja a arquitetura no tempo e no espaço, desde o século XIX essa consciência do papel dos registros documentais de sua produção vem avançando à medida que processos radicais de transformação do ambiente construído passaram a suscitar preocupações institucionais de ordem arqueológica, patrimonial e historiográfica (POULOT, 2009). No Brasil, desde os anos 1930, pelos menos, esforços de levantamento, reconstituição e análise visando a preservação e o restauro de bens arquitetônicos talvez tenham representado um dos primeiros momentos de aproximação sistemática dos arquitetos ao universo das fontes primárias. Como forma de embasar suas decisões e ações sobre objetos de salvaguarda, testemunhos a seu respeito recolhidos em velhos inventários, provisões, relatórios, cartas, publicações e outros papéis acumulados em arquivos eclesiásticos, oficiais ou privados tornaram-se parte fundamental de suas metodologias (CHUVA, 2009; PESSÔA, 1999; MOTTA e SILVA, 1998).

O trabalho de preservação, nesse sentido, não somente estabeleceu o ir e vir entre arquivos e obras, ou o que deles houvesse restado, como procedimento obrigatório à análise histórica e construtiva dos bens, mas constituiu ele mesmo seus próprios acervos (COSTA, 2015), conjuntos organizados de fontes, registros de campo, levan-

tamentos gráficos, fotográficos, fotogramétricos, estratigráficos, inventários, pareceres técnicos, projetos, planos etc., no que se incluiria também toda uma nova literatura técnica de apoio – livros, plaquetes, revistas, guias, catálogos de fontes, a exemplo daqueles produzidos pelo Sphan – que por muitos anos compôs o grosso da bibliografia disponível em história da arquitetura no país. Naturalmente, às contribuições nessa direção de arquitetos como Lúcio Costa, José de Souza Reis ou Paulo Thedim Barreto, e daquelas produzidas por intelectuais e profissionais de outras áreas desde Mário de Andrade, viriam se somar ao longo das décadas trabalhos produzidos por autores estrangeiros tão influentes no país quanto os historiadores da arte Robert Smith, Germain Bazin ou Yves Bruand, que estabeleceram um grau de refinamento teórico e metodológico, em historiografia, estética, filologia, paleografia, arquivística, preservação, ainda pouco comum no Brasil.

A bem da verdade, esforços documentais e interpretativos nesse setor também vinham começando a florescer nos espaços de formação dos arquitetos no país até antes, como com Ernesto da Cunha de Araújo Vianna, José Mariano Filho ou Adolfo Morales de Los Rios, na Escola Nacional de Belas Artes, ou com Ricardo Severo, Alexandre Albuquerque e José Wash Rodrigues, em São Paulo. Mas especialmente a partir dos anos 1940 e 1950, com as demandas didáticas abertas pela introdução, com base no currículo fixado pela Faculdade Nacional de Arquitetura, da cadeira de Arquitetura no Brasil (SANCHES, 2005) junto aos primeiros cursos de arquitetura do país. Cadeira ainda amplamente carente de recursos didáticos, é notável verificar um esforço em seu interior de construção de materiais de apoio, como livros, apostilas, coleções de fotografias, slides, restituições gráficas e mesmo algumas das primeiras compilações de desenhos originais.

É reveladora nesse novo espaço curricular a participação de professores muito ligados aos órgãos de patrimônio, como Paulo Santos, Luís Saia, Sylvio de Vasconcellos, Lucas Mayerhofer, Ayrton Carvalho, Godofredo Filho, ou de seus alunos e leitores como Augusto da Silva Telles, Flávio Motta, Benedito de Toledo, Carlos

Lemos, Júlio Curtis, Alfredo Britto, Paulo Ormino de Azevedo, Geraldo Gomes da Silva, Günter Weimer, Jussara Derenji, Liberal de Castro. Uma geração por certo beneficiada pela consolidação do sistema de universidades no país e o surgimento, a partir dos anos 1960, de iniciativas de ensino de pós-graduação em arquitetura, planejamento e patrimônio e das primeiras agências de fomento à pesquisa, que levariam ao longo dos anos à conformação de um primeiro corpus propriamente acadêmico de trabalhos em história daquilo que por muito tempo continuaria a ser compreendido como “arquitetura brasileira”.

É notável perceber o surgimento, já nesse período, de um cuidado maior com a precisão documental, presente na germinação das primeiras coleções universitárias de projetos, fotografias, mapas, como na Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais (EA-UMG), junto à seção de pesquisa e o serviço de foto-documentação criados por Sylvio de Vasconcellos em 1954 e hoje composto por cerca de 50 mil negativos, principalmente de objetos arquitetônicos e artísticos brasileiros, especialmente mineiros. Ou ainda de variadas iniciativas editoriais provenientes das instituições de ensino: da própria EA-UMG, que entre os anos 1950 e 1960 publicou vários dos livros dos professores Vasconcellos e João Boltshauser (CASTRIOTA, 2013); do grêmio estudantil e de seu centro de estudos folclóricos, assim como do chamado *Museum* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), que a partir de 1949 organizaram viagens de campo, levantamentos de sítios históricos, além de séries editoriais, periódicos e apostilas (SODRÉ, 2010; DEDECCA e SODRÉ, 2012).

Também são desses anos iniciativas que antecipariam a publicação dos primeiros manuais históricos de longa duração, como os dos professores Paulo Santos e Nestor Goulart Reis sobre evolução urbana e da arquitetura, além de outros trabalhos docentes de cunho monográfico ou de compilação de fontes. Entre os grandes feitos do período, inclusive do ponto de vista da composição de acervos, foram a composição de glossários e dicionários, como o *Vocabulário Arquitetônico* de Vasconcellos (1961), ou o *Dicionário*

da Arquitetura Brasileira (1972), dos professores do Departamento de História da FAUUSP, Eduardo Corona e Carlos Lemos, reunindo verbetes por eles publicados desde 1957, coleções etimológicas e filológicas preciosas do vocabulário de arquitetura, passado e presente, em uso e em desuso, garimpados em todo o país e na lusofonia, junto a velhos documentos e arquivos, a antigos dicionários, registros administrativos, literários, eruditos, e mesmo à fala popular.

Esse processo não parou de se ampliar, sobretudo a partir dos anos 1980, com a consolidação dos espaços de pesquisa nas instituições de ensino e dos primeiros programas de doutorado em arquitetura e urbanismo no país. Mas também em função da consolidação dos primeiros grandes acervos históricos no interior das próprias faculdades de arquitetura. Um dos exemplos pioneiros é justamente o da FAUUSP, institucionalizado nos anos 1970 enquanto setor de projetos da biblioteca, com a incorporação das coleções Ramos de Azevedo/ Severo & Villares, Victor Dubugras e Samuel/Christiano das Neves, e cuja origem remonta aos anos 1960, com a criação do acervo de fotografias, diapositivos, filmes, microfilmes e fitas sonoras; hoje denominado seção técnica de materiais iconográficos¹.

Outro é o Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), criado em 1982, idealizado por Jorge Czajkowski durante a gestão de Ulisses Burlamaqui, a partir da coleção de trabalhos discentes das antigas Escola de Belas Artes, desde o Império, e da Faculdade Nacional de Arquitetura, criada em 1945. Desde então, o NPD, assim como a FAUUSP, passou a receber doações de escritórios de arquitetura de diferentes gerações, principalmente formados no Rio, como Arquimedes Memória, Affonso Eduardo Reidy, MMM Roberto, Sérgio Bernardes e Severiano Mário Porto, e hoje contém mais de 200 mil itens. Esse processo vem se ampliando nas últimas décadas, com maior ou menor reconhecimento e investimento, junto aos mais diversos departamentos e faculdades de arquitetura, como as da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Ritter dos Reis (CANEZ, 2004), da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade de Brasília, da Universidade Estadual de Campinas ou da Escola da Cidade.

Em todos eles, a atividade docente, sobretudo daqueles professores atuantes na área de teoria e história da arquitetura e urbanismo foi em várias frentes decisiva: na intermediação de processos de doação de coleções particulares, na produção de conjuntos documentais originais, na doação de seus próprios acervos, no acompanhamento de trabalhos de inventário e catalogação, no desenvolvimento e orientação de pesquisas, ou na realização de atividades didáticas com foco ou suporte nos acervos de suas instituições. Em sua gênese destacaram-se justamente os professores da cadeira de arquitetura no Brasil: Sylvio de Vasconcellos, em Belo Horizonte, responsável como dito pela coleção fotográfica da EA-UFGM; Carlos Gomes Cardim e Eduardo Kneese de Mello, ao lado de alguns de seus estudantes como Gustavo Neves da Rocha e Antonio Carlos Alves de Carvalho na FAUUSP, à frente de viagens didáticas e trabalhos de documentação de arquitetura colonial e moderna Brasil afora (SODRÉ, 2010), e logo depois Carlos Lemos e Benedito Lima de Toledo; Augusto da Silva Telles e Alfredo Britto, na FAU-UFRJ, este último aliás compondo, com o auxílio de colegas e alunos, dois extensos inventários da produção de arquitetura moderna no Rio de Janeiro e da produção oficial de habitação popular no Brasil; ou, mais tarde, como Geraldo Gomes, no curso de arquitetura da UFPE, que a partir do final dos anos 1970, no interior da disciplina, desenvolveu com os alunos os primeiros inventários de arquitetura moderna em Pernambuco.

É importante frisar a amplitude, variedade e mesmo a indeterminação dessas iniciativas primeiras de composição de acervos, na forma de inventários, bibliografias especializadas, catálogos ou dicionários, e mais especificamente na de coleções de fotografias, slides, plantas e mapas. Mas também a sua frequente vulnerabilidade em termos materiais e metodológicos, e suas limitações, por exemplo, em ultrapassar o registro patrimonial e nacional, a pro-

dução consagrada ou autoral, e mesmo as fronteiras inicialmente fixadas para a disciplina, inicialmente pouco atenta, por exemplo, à história urbanística, à produção vernacular ou à história construtiva, dos ofícios à engenharia e ao design industrial. Seja como for, é com base nesse legado que hoje podemos avaliar e atualizar os nossos acervos.

Partindo de uma experiência didática recente, realizada junto a uma disciplina optativa do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, o presente artigo propõe discutir os usos pedagógicos e científicos dos acervos de arquitetura e urbanismo, especialmente os universitários, tal como constituídos ou potenciais, em seus variados suportes, materiais e imateriais, em suas distintas possibilidades formativas, em história, patrimônio, projeto, ou representação gráfica. Nosso intuito é justamente pensar criticamente os acúmulos e impasses, possibilidades e riscos hoje abertos, de modo a subsidiar uma reflexão acerca das relações entre acervos históricos e os horizontes futuros do ensino e da pesquisa, principalmente historiográfica, em arquitetura e urbanismo.

Acervos históricos como acervos didáticos

Em 2019, a disciplina optativa AUH 0539 – Historiografia da arquitetura e projeto social, do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP, foi adaptada pelo professor José Lira para contemplar, ao lado do conteúdo recorrente, centrado na historiografia da arquitetura moderna, brasileira e internacional, um trabalho prático em torno das coleções de escritórios de arquitetura sob guarda da instituição. Contando com o apoio dos monitores Felipe Gonçalves (Mestrado UFPE), João Fiammenghi (Graduação FAUUSP) e Victor Próspero (Doutorado FAUUSP), no primeiro semestre, e Bruno Schiavo (Doutorado FAUUSP) e João Fiammenghi, no segundo, propunha-se não somente viabilizar um contato dos estudantes com as grandes coordenadas teóricas e interpretativas de alguns dos principais autores e livros de história da arquitetura do século xx, mas também permitir-lhes um exercício de aproximação a técnicas, fontes e instrumentos

de pesquisa especializada, apoiado inclusive em um ciclo de discussões com jovens pesquisadores brasileiros sobre suas experiências na área.

O exercício iniciou-se pela eleição por parte dos alunos de uma das coleções profissionais disponíveis na seção técnica de materiais iconográficos da biblioteca da FAUUSP. A seleção foi feita considerando aquelas que, segundo os critérios da seção, encontravam-se em fase preliminar de catalogação ou haviam sido apenas recentemente incorporadas pela mesma. Em uma primeira etapa, os alunos se detiveram na elaboração de uma sùmula biográfica do arquiteto focalizado, como forma de permiti-los melhor situar o conteúdo do acervo na trajetória profissional, intelectual e acadêmica correspondente. Num segundo momento, o foco se voltou à produção de dossiês bibliográficos, contando com a orientação também das bibliotecárias da FAU, que lhes permitiram realizar um levantamento abrangente da bibliografia ativa e passiva disponível sobre os titulares dos acervos, incluindo depoimentos, entrevistas, assim como projetos de sua autoria publicados em periódicos. A terceira etapa do trabalho foi dedicada às próprias coleções em exame. Partindo de uma apresentação dos responsáveis pela seção acerca do alcance, heterogeneidade, formas de processamento e cuidados com a preservação do acervo como um todo, os alunos tiveram a seguir a oportunidade de se debruçar sobre o material primário eleito, principalmente através de cópias heliográficas e digitais, mas também, excepcionalmente, através de desenhos originais, além de toda a documentação relativa à sua doação e catalogação prévia.

O objetivo foi precisamente a produção de descrições panorâmicas das principais características da coleção, compreendendo as diferentes encomendas do arquiteto, programas e tipologias, a distribuição cronológica dos projetos, o estado geral de conservação do conjunto, bem como a sistematização dessas informações em tabelas compreensivas a seu respeito. A descrição da coleção expõe sua origem, o total de entradas, sua abrangência temporal e se esta conta com material paralelo, além de uma sistematização

das entradas da coleção em uma matriz década x programa. Essa tabela foi organizada a partir de dados básicos de cada entrada fornecidos pela seção técnica de materiais iconográficos, agrupando os projetos em cinco categorias programáticas gerais (arquitetura; estruturas e construção civil; design; planejamento e regional; paisagismo), com suas inúmeras subdivisões que variavam caso a caso. Cada acervo demandava diferentes grupos de subdivisões por programa. Por exemplo, na coleção Rosa Kliass, dentro da categoria “paisagismo”, foram separadas entradas de projetos em subdivisões específicas como: jardins privados (residências) e jardins privados (apartamentos), ou ainda jardins públicos (viário) e jardins públicos (institucionais). Por outro lado, coleções onde a produção projetual de edifícios é maior (categoria “arquitetura”), as entradas foram subdivididas, por exemplo, desde “clubes, colônias de férias e balneários”, até “edifícios educacionais”, “residências”, “reformas” e “edifícios de apartamentos”.

Em todas as etapas, dos levantamentos e definição de matrizes comuns de conteúdos à redação final, o trabalho foi construído e acompanhado no interior da disciplina. Dado o interesse público do acervo, como parte importante do exercício foi também incluída a disponibilização dos resultados, com vistas à sua difusão em outros centros de pesquisa e documentação, na forma de pequenos guias das respectivas coleções trabalhadas, impressos pela seção técnica de produção editorial da FAUUSP. Os guias, de aproximadamente trinta páginas, impressos em tiragem limitada, compõem das três partes do exercício: sùmula biográfica do arquiteto, descrição da coleção e bibliografia de referência. No primeiro semestre de 2019, foram impressos oito guias, detendo-se sobre as coleções de Elisiário Bahiana, Rosa Kliass, Marcelo Fragelli, David Libeskind, Ícaro de Castro Mello, João Walter Toscano, Waldemar Cordeiro e Roberto Tibau. A eles se somaram no semestre os guias das coleções de Victor Dubugras, Oswaldo Bratke, Jacques Pilon, Telésforo Cristófani, Philipp Lohbauer, Julio Katinsky, Rodrigo Lefèvre e Eduardo de Almeida.

A experiência naturalmente empolgou professores e estudantes,

assim como as equipes de funcionários que colaboraram com a iniciativa, permitindo uma prática didática afinada com o universo de atividades, materiais e instrumentos de pesquisa e extroversão do conhecimento acadêmico. Além das potenciais contribuições à preservação desse rico acervo patrimonial, pleno de possibilidades históricas, críticas e pedagógicas, a iniciativa evidenciou a produtividade, em múltiplos sentidos, de acervos dessa natureza em instituições de ensino e pesquisa de arquitetura, urbanismo e design. Se o caso demonstra a possibilidade de aprendizado prático junto a fontes primárias, a riqueza dos materiais de diferentes épocas – atendendo a variados cenários de encomenda, modalidades de atuação profissional, processos internos de elaboração projetual, diversas técnicas construtivas e de representação gráfica, e outras informações – revela potenciais ainda maiores de apropriação dos mesmos não só no ensino e na pesquisa em história, mas também em conservação e restauro, em projeto de edificações, planejamento urbano, paisagismo, design, tecnologias construtivas, linguagens visuais etc.

Além do contato dos alunos com o universo documental, as características e abrangência cronológica do acervo vem se mostrando especialmente produtivas no estudo do processo de modernização da cidade de São Paulo. Iniciativas de apropriação didática do acervo da FAUUSP vem sendo empreendidas em outras disciplinas, principalmente de história, como em História e teorias da arquitetura III (AUH 0154) e Fundamentos sociais da arquitetura e do urbanismo (AUH 0516), ministradas pelas professoras Joana Mello, Maria Lucia Bressan Pinheiro, Ana Lanna, Maria Lucia Gitahy e os professores Luis Recamán e Paulo César Xavier no primeiro semestre letivo de 2015, por meio de exercícios de aproximação discente à documentação, centrados em obras de arquitetos atuantes em São Paulo nos séculos XIX e XX, permitindo-lhes extrapolar o conteúdo expositivo nos cursos e manuais didáticos. Exercícios dessa natureza também têm se mostrado bastante fecundos em disciplinas relacionadas à preservação do patrimônio edificado, como aquelas ministradas pelas professoras Beatriz Kühl e Fernanda

Fernandes: em AUH 0412 – Técnicas retrospectivas, quando tem como foco a análise de intervenções por que passou alguma obra, ou nas optativas AUH 0127 – Conservação e restauração do patrimônio arquitetônico e 1601105 – Subsídios investigativos e projetuais para a preservação do patrimônio edificado, esta última uma disciplina interdepartamental, que trata com mais ênfase os edifícios da própria FAU, e para as quais também o acesso aos projetos que deram origem às obras se mostra uma etapa fundamental².

Paralelamente a essas experiências brasileiras acima mencionadas, é possível perceber crescente a apropriação didática dos acervos de arquitetura em universidades latino-americanas, norte-americanas³ e europeias⁴, especialmente em disciplinas ligadas à história, historiografia, crítica, patrimônio e práticas curatoriais. Outra experiência recorrente, mais diretamente relacionada ao currículo de arquitetura, propõe-se introduzir os estudantes a episódios-chave da história da visualização arquitetônica, especialmente constituídos ao redor de problemas, práticas e conceitos postos pelo modernismo internacional, e para tal um número reduzido de objetos visuais (desenhos, modelos e fotografias) é analisado em profundidade⁵. Vale notar que tais usos didáticos dos acervos não se restringem às disciplinas de história, historiografia e práticas curatoriais, mas vêm sendo utilizados também em disciplinas de projeto⁶.

Mas o impacto desses acervos na educação dos arquitetos e urbanistas parece ser também útil à discussão pedagógica como um todo no interior das instituições que os conservam. (WRIGHT, PARKS, 1990) É que, vistas em conjunto, coleções como essas, constituídas no interior de instituições de ensino e pesquisa, convocam corpos docentes e discentes à autoconsciência de suas práticas e acúmulos passados no campo do ensino e de seus rebatimentos possíveis na profissão, isto é, acerca dos rebatimentos entre a história da produção e a história de seus paradigmas pedagógicos e disciplinares, de suas referências operativas, estéticas, históricas ou tecnológicas, em tal ou qual momento da formação.

Acervos de arquitetura e historiografia contemporânea

É verdade que documentos hoje tomados como de arquitetura e urbanismo há séculos integram coleções de distintas instituições: de museus, bibliotecas, arquivos históricos públicos, arquivos de obras públicas ou de outras repartições oficiais de administração, militares, eclesiásticos, de empresas, de profissionais, coleções particulares, de sociedades profissionais, assim como de instituições de ensino. A bem da verdade, desde os séculos xvii e xviii na Europa, academias de belas artes ou de arquitetura vinham constituindo suas próprias coleções de antiguidades, modelos e detalhes ornamentais, por vezes chamadas de museus, que eram diretamente utilizadas no ensino de composição. Mas foi a partir dos anos 1970 que instituições como museus de arte, centros culturais e de pesquisa criaram ou buscaram aumentar significativamente os seus acervos de arquitetura, e instituições neles especializadas também começaram a brotar em distintos países do mundo.

Ainda que desenhos de arquitetura, reunidos sobretudo a partir da doação ou aquisição de itens isolados ou espólios profissionais inteiros de arquitetos, constituam a maior parte desses crescentes acervos, documentos das mais diferentes naturezas, presentes nos arquivos de arquitetos e escritórios de arquitetura, também foram sendo sistematicamente colecionados. De um lado, como notou Jordan Kauffman (2018), esse movimento está associado ao deslocamento em direção à imagem na cultura disciplinar e a criação de um mercado, até então inexpressivo, para os desenhos de arquitetura. Vistos como objetos artísticos autônomos, dissociados das edificações construídas a que se referem, os desenhos de arquitetura passaram a integrar um sistema comercial complexo, que inclui colecionadores, galerias especializadas, *marchands*, editores, curadores, que a partir dos anos 1990 viria a se associar diretamente à globalização do mercado de encomendas, prestígio e visibilidade profissional. De outro lado, ele corresponde a um momento patente de intelectu-

alização da disciplina, de constituição de nichos especializados de conhecimento, de valorização da memória profissional e de profissionalização da própria pesquisa histórica em arquitetura, no interior do qual também um circuito acadêmico e cultural específico ganhou importância (COHEN, 1984; 2011).

São exemplares a ampliação dos acervos de arquitetura do Museu de Arte Moderna de Nova York, cujo departamento de arquitetura e design remonta a 1932; a criação em 1968 dos Archives d'Architecture Moderne de Bruxelas e, em Montreal, do Centre Canadien d'Architecture (CCA) em 1979; a inauguração do Deutsches Architekturmuseum de Frankfurt, e do Architekturmuseum de Munique, em 1984 e 1986, respectivamente; as coleções de arquitetura e design do The Getty Research Institute, fundado em 1985 na Califórnia; do Centre d'Archives d'Architecture du XXème Siècle de Paris, fundado em 1986; do Netherlands Architecture Institute, fundado em 1988, e, em 2013, incorporado ao Het Nieuwe Instituut de Rotterdam. O Centro Pompidou de Paris, inaugurado em 1977, iniciou sua coleção de arquitetura na década de 1990, e o Centro de Documentação de Arquitetura Latino-americana, o Cedodal, foi estabelecido em Buenos Aires em 1995.

Para além, pois, da consolidação de sua posição de ativos culturais em meio à economia simbólica contemporânea, tais conjuntos documentais aprofundaram ainda mais o seu lugar no âmbito da pesquisa acadêmica em história da arquitetura e da cidade. Esses acervos tornaram-se espaços cruciais para pesquisadores e especialistas, que, em toda parte, em número cada vez maior nas últimas décadas, neles passaram a basear suas investigações, articulando seus objetos, cada vez melhor recortados, em conjuntos documentais mais amplos relativos à produção de tal ou qual arquiteto, de grupos ou gerações de arquitetos, problemas ou tradições de projeto, cenários profissionais, institucionais, tecnológicos ou socioculturais de atuação, acessíveis graças ao contato direto com um ou mais de um acervo de fontes primárias.

Não por acaso, universidades e centros de pesquisa não só se constituíram precocemente enquanto espaços privilegiados de guarda

de acervos de arquitetura, mas vêm crescentemente investindo em sua expansão, tratamento arquivístico e desenvolvimento de instrumentos de pesquisa e difusão, como bancos de dados, impressos, exposições e digitalização. Foi o que aconteceu, ainda que modestamente, na Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona desde 1875; na virada do século XIX ao XX, nas universidades de GSAPP de Columbia e Graduate School of Design de Harvard; a partir de 1947, no Instituto de Arte Americano da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de Buenos Aires; a partir de 1967, no Instituto de História e Teoria da Arquitetura do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique; ou no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, depois de 1987. Além de grandes acervos como esses, acadêmicos ou não, mais ou menos bem dotados de coleções e recursos, que no Brasil também vem se multiplicando, é importante acentuar a formação de acervos nas sedes originárias de sua produção, nos espaços de trabalho dos arquitetos, seus ateliês e escritórios. É neles que muitas vezes se encontram os pesquisadores, garimpando e mesmo colaborando na organização de registros da prática de seus titulares, arquivados de uma forma ou de outra, por razões profissionais ou afetivas, e consultados ora tendo em mente a recuperação de um raciocínio de projeto ou solução operativa, ora a publicação ou exposição de trabalhos, ora a reforma ou o restauro de uma obra, ora a realização de alguma pesquisa acadêmica. Há inclusive acervos de arquitetos, ou mesmo de institutos e/ou fundações criados ao redor de um ou outro arquiteto, que vem se destacando por seus legados ou serviços documentais, ou por iniciativas de preservação, como a Fundação Le Corbusier, a Alvar Aalto ou a Cravotto e o Instituto Bardi, entre vários outros. São acervos que não deixam de desempenhar papel importante no sistema de acervos de arquitetura, não só pela relevância de seus titulares, e por se abrirem à pesquisa, preservação e difusão dos respectivos patrimônios, mas também por apontarem, em sua excepcionalidade, para a miríade de acervos de arquitetura e urbanismo sem destino certo, muitos dos quais apenas come-

çando a receber atenção da comunidade de pesquisa, em seus valores históricos, culturais, profissionais ou heurísticos.

Há, por certo, limitações mais ou menos presentes nessa imensa rede de instituições que se estrutura em torno das coleções de arquitetura. Nelas, é notável uma tendência a acolher materiais locais, assim como a menor presença de materiais ligados ao urbanismo, à produção de escritórios de engenharia ou de repartições públicas. Mesmo na FAUUSP, uma instituição de ensino herdeira da Escola Politécnica e na qual a formação em urbanismo cedo enraizou-se no currículo, fundos importantes como os da ASPLAN e do SAGMACS, ou mesmo o do Centro de Estudos e Pesquisas Urbanísticas (CPEU), criado em 1957 por Anhaia Mello no interior da própria FAU, permanecem fora da seção de materiais iconográficos da biblioteca, o setor mais bem capacitado para a preservação de acervos históricos na instituição.

Uma das limitações frequentemente observadas diz respeito às condições de acesso e manuseio dos originais, o que tem levado várias dessas instituições a investir em políticas mais restritivas de acesso às coleções, de restauração e acondicionamento, bem como em esforços de digitalização de partes de seus documentos. Essas políticas de digitalização e disponibilização variam enormemente, tais os obstáculos legais, de custos, tempo, infraestrutura e recursos humanos que as diversas instituições enfrentam. Mesmo em instituições de ponta nesse processo, como o Centro Canadense de Arquitetura em Montreal. Não resta dúvidas da importância que uma iniciativa como essa pode vir a ter para a salvaguarda dos originais e o desenvolvimento da pesquisa em arquitetura. Não só em função do volume e qualidade dos materiais acessíveis remotamente, mas sobretudo quando a instituição investe em convênios e parcerias com universidades de todo o mundo e na promoção direta de uma agenda inovadora de investigação no campo. O impacto de propostas desta natureza parece ainda maior quando articuladas em rede, a exemplo do Artstor, que hoje gerencia o acesso das instituições signatárias a 2,5 milhões de imagens, ou do Arquigrafia, um banco colaborativo de fotografias sediado na

FAUUSP (ROZESTRATEN, SANTOS e LIMA, 2018). Ou mesmo redes de cooperação mais ampla entre acervos, como a Rede de Arquivos de Arquitetura da Argentina, criada em 1997, ou aquela liderada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo, ao propor a criação de formas de interação e colaboração entre acervos brasileiros, que possam resultar em claros benefícios para a pesquisa em todo o país.

É certo que, na pesquisa especializada, o objeto digitalizado cumpre funções importantes: ele pode fornecer elementos suficientes para pesquisas sem grandes pretensões ou rigores documentais, ou de financiamento limitado; pode também funcionar como recurso prévio de identificação de fontes e planejamento de consultas *in loco*, e mesmo para se antecipar informações relevantes para formulações e hipóteses preliminares, antes de pesquisas de campo frequentemente custosas; pode ainda facilitar revisões panorâmicas de grande número de objetos guardados em diferentes instituições, que o tempo de viagem e manuseio de originais pode tornar proibitivo. Além disso, funcionam como cópias de segurança (ainda que quase sempre parciais) de objetos inevitavelmente sujeitos a riscos de acondicionamento. Não são usos de modo algum desprezíveis. No entanto, a depender do tipo de pesquisa, nos quais estão em jogo inovações metodológicas, sutilezas analíticas, revisões filológicas e controvérsias interpretativas, o contato com os originais, por múltiplas razões, costuma ser imprescindível.

É o que sugere, por exemplo, Sylvia Lavin (2020) na exposição “Architecture Itself and Other Postmodern Myths”, montada no CCA no final de 2018. Nela, a historiadora da arquitetura, professora da Escola de Arquitetura da Universidade de Princeton, propôs visitar a arquitetura pós-moderna indagando justamente objetos de arquivos que frequentemente passam despercebido. Itens como cartões de visita de técnicos de eletricidade, rádio e TV guardados por Venturi e Scott Brown; notas rasuradas no verso de um croqui de John Hejduk; uma lista de objetos roubados no porta malas de Hans Hollein; ou uma cobrança de 15 dólares por trinta minutos trabalhados por Charles Moore (pertencentes ao CCA e a outras

coleções), frequentemente negligenciados nos processos de digitalização, disponibilização e acessibilidade em rede, e não menos pela historiografia de arquitetura, embaralham não só o valor atribuído a cada tipo de objeto documental, mas permitem surpreender criticamente interpretações consagradas, problemáticas difusas e incidentes subterrâneos no conjunto da produção deste ou daquele profissional.

Mais do que isso, tal como sugere Giovanna Borasi, curadora-chefe do cca, no texto de apresentação do catálogo da exposição, a atenção da equipe coordenada por Lavin a objetos frequentemente considerados periféricos (senão totalmente irrelevantes) viria a informar uma revisão dos próprios critérios adotados pela instituição para distinguir objetos colecionáveis dos não colecionáveis. Algo como pormenores ou detalhes (ARASSE, 1992), capazes de tornar estranhas as condições de criação arquitetônica, de ultrapassar os seus sentidos dados, imediatos, integrais ou perfeitamente controlados pelo seu autor, condições involuntárias de escolha, padrões de intenção, associações livres ou atos falhos, para usar termos freudianos, vícios geracionais, culturais, imaginários: coisas que a princípio não vemos, que não nos despertam a atenção, mas que muitas vezes se revelam determinantes para o sentido, algo que não é evidente nas obras (DAMISCH, 2018).

De fato, a crescente importância dada aos mais insuspeitos materiais primários, considerando suas materialidades e especificidades físicas, está associada à profissionalização do pesquisador em arquitetura – no campo da história, mas também da teoria, do projeto e das técnicas. Fontes aparentemente anedóticas, mas também registros em geral julgados – por arquitetos, e também pelos responsáveis por acervos – como secundários, genericamente classificados como paralelos, sem valor crítico, sem eficácia analítica, como contratos, editais, cartas, plantas legais, alvarás, estudos preliminares em suas diferentes versões, cálculos de engenharias, relatórios de consultorias técnicas, detalhamentos, e assim por diante. Afinal, em um conjunto de pranchas, carimbos e assinaturas podem revelar mudanças na composição de empresas,

indícios da relação entre engenheiros, arquitetos e desenhistas, e mesmo dados biográficos significativos (SILVA, 2012). O estudo da sucessão das fases de um projeto, dos croquis iniciais aos desenhos das variadas engenharias e detalhamentos envolvidos, somando-se a correspondências e documentação administrativa, podem iluminar os caminhos tortuosos de um projeto, de soluções abandonadas e retomadas, mas também, das injunções do canteiro de obras (CONTIER, 2015). Também quanto a esse universo do trabalho da construção, assim como à história das técnicas e dos sistemas construtivos, frequentemente invisíveis ou mal registrados, tal o silêncio a seu respeito nos projetos de arquitetura, ou a força de reificação das obras concluídas, podem vir à tona através de cenas pouco fotogênicas como imagens de canteiro (SCHENKMAN, 2009). Para a historiografia da arquitetura, é ponto pacífico o abandono da tradição dos inventários e cronologias de estilos e modelos; de cancelar práticas projetuais, assim como o de tomar as obras por elas mesmas, em sua autonomia e auto-evidência. No horizonte dos historiadores da arquitetura, hoje está o desafio de dissecar as obras e desmontar sua aparente unidade; de lançar sobre elas olhares indiretos, cruzados, desafetados, e nem por isso menos exigentes; de transpô-las à procura de suas condições de criação, produção e consumo, de seus sentidos, de suas formas de inserção no território, na sociedade e na cultura, visando desmontar as narrativas e representações consolidadas, agregar novas visadas, mais abertas e plurais, eventualmente dissonantes e contestatórias. Nesse sentido, é preciso olhar novos objetos e, ao mesmo tempo, lançar novos olhares a objetos já conhecidos, indagá-los e cruzá-los, buscando compreendê-los no contraponto com outras obras, com projetos abandonados ou jamais implementados, com outros registros edificados, materiais urbanos, tanto quanto com outros conjuntos de documentos e evidências. É muitas vezes no embate direto com os acervos em sua integridade, na indefinição a priori entre documentos principais e periféricos, no cotejo entre acervos diversos, no deslocamento entre a arquitetura dos acervos e as obras como outra sorte de documentos, entre documentos

gráficos e textuais, que se faz a aventura da pesquisa, os caminhos da descoberta e a alegria dos achados.

O mergulho em fontes primárias pode provocar inquietações e reflexões acerca do papel dos acervos históricos ou mesmo do estatuto dos originais. Sobretudo em um momento no qual as possibilidades e limites da digitalização e da disponibilização online de certa maneira se impõem nos debates sobre o tema como uma panaceia para todos os males. Seriam esses documentos meras relíquias? Objetos de museu de aura questionável? Fetiches de uma autenticidade perdida, de um valor de original que as próprias técnicas gráficas sonegam? Seriam eles apenas ativos no emergente mercado internacional de acervos de arquitetura, prestígio de arquitetos e encomendas de exceção? Ou eles teriam também um papel político e simbólico na economia do conhecimento, cada vez mais competitiva, desigual e hierárquica? Guardariam os originais informações passíveis de novas leituras, esperando por perguntas ainda não formuladas, e que outros tempos, outras historiografias, pesquisadores de outras origens e renovados olhares poderão vir a propor? Que rastros, que indícios eles teriam a revelar? Serão eles legíveis, ou mesmo acessíveis futuramente em suas versões digitais? De fato, se reconhecemos a potência ainda não explorada dos acervos, temos que nos perguntar, também, sobre a formação dos pesquisadores que, nas próximas gerações, irão confrontá-los com preocupações, métodos e hipóteses ainda por nós desconhecidos. Quando inserir esse debate na formação do pesquisador? Como fazê-lo? Que condições de acesso às fontes eles terão? Que tipo de acervos constituirão? Que documentos levarão em conta? Que estímulos intelectuais, teóricos, epistemológicos e até mesmo psicológicos haverão de recolher, no embate com as fontes? Em um mundo progressivamente virtual, no qual o próprio desenho e a escrita há muito se tornaram operações digitais, como poderão se preparar para lidar com detalhes materiais, a notação indiciária, o pormenor lateral, impresso, manual, as pistas mais sutis, aparentemente inexpressivas? Os desafios são muitos, principalmente considerando as enormes diferenças nas características e condi-

ções das instituições acadêmicas e dos acervos, do financiamento da pesquisa, do acesso a fontes primárias e bases digitalizadas. Não seria prudente propor uma solução única para os usos e sentidos dos acervos no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Eles são práticas, passíveis de serem reconstruídas a cada experiência, a cada desafio, a cada forma de contar a nossa história.

Notas

¹ A esse respeito ver os textos de Eliana de Azevedo Marques e de Gisele Ferreira de Brito neste volume.

² Depoimento por escrito aos autores da professora Beatriz Mugayar Kühl em 03/11/2020.

³ Ementa da disciplina HAA 178N – Architecture and the “Museum”; Spring 2021; Department of History of Art and Architecture, Harvard University, sob responsabilidade do Prof. Patricio Del Real. Depoimento de Del Real, 15/10/2020.

⁴ O Acervo do Architekturmuseum der TUM é um dos maiores da Alemanha, contando com aproximadamente 500 mil desenhos, 200 mil fotografias, além de maquetes e outros documentos, cobrindo do século XVI até os dias de hoje. Desde 2009 o arquivo vem sendo digitalizado e hoje cerca de 58 mil documentos já estão digitalizados. Nele, a cátedra de História de Arquitetura e Prática Curatorial, sob responsabilidade do professor Andres Lepik, vem desde 2016 oferecendo a disciplina *Collecting, documenting and presenting architecture*. Depoimento de Anja Schmidt (Archivleitung – Architekturmuseum der TU München), 21/10/2020.

⁵ Ementa da disciplina ARCHA4326 – Architectural Visualization since 1900; Spring 2019; Graduate School of Architecture Planning and Preservation, Columbia University, sob responsabilidade do Prof. Reinhold Martin.

⁶ Segundo Teresa Harris, responsável pelo acervo de livros raros da Avery Library, em depoimento aos autores por e-mail, a disciplina Core Studio II, ministrada no início do curso de *master* em arquitetura, recorre sistematicamente ao acervo, contando com o suporte de vários instrutores para a turma da disciplina de estúdio em questão, a qual geralmente chega a ter cerca de 90 alunos (dividida em grupos de 15 a vinte). Os bibliotecários e arquivistas ministram a aula com a contribuição dos instrutores do estúdio de projeto. Por razões de segurança, os alunos apenas visualizam os documentos originais, não sendo permitido seu manuseio, dada a quantidade de pessoas. Outros exemplos de atividades realizadas na GSAPP, que incluem sua relação com Avery Library Drawings and Archives Collection, são o programa Avery Drawings & Archives Internship, em que alunos da escola recebem uma bolsa para contribuir com a catalogação de seus acervos; e a curadoria e exposição de objetos, frequentemente expostos na Arthur Ross Architecture Gallery. Cabe notar também que a política de disponibilização de imagens da Avery ainda não digitalizadas é bastante cara, de 50 a 400 dólares por imagem, para interessados que não tenham acesso. Depoimento de Teresa Harris (Curator of Avery Classics, Avery Architectural & Fine Arts Library – Columbia University), 20/10/2020.

Referências bibliográficas

- ARASSE, Daniel. *Le Détail: Pour Une Histoire Rapprochée de la Peinture*. Paris: Flammarion, 1992.
- BRITTO, Alfredo; GUIMARÃES, Alberto P.; SERRAN, J. *Habitação Popular: Inventário da Ação Governamental*. Rio de Janeiro: Finep-Gap/ São Paulo: Projeto, 1983.
- CANEZ, Anna P. et al. *Acervos Azevedo Moura Gertum e João Alberto: Imagem e Construção da Modernidade em Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2004.
- CASTRIOTA, Leonardo B. “Os Alvos da História da Arquitetura: João Boltshauser e Sylvio de Vasconcellos”. In: *Arquiteturarevista*, vol. 9, n. 2, p.73-81, jul./dez., 2013.
- CHUVA, Márcia. *Os Arquitetos da Memória: Sociogênese das Práticas de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil (1930-1940)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- COHEN, Jean-L. *La Coupure entre Architectes et Intellectuels, ou Les Enseignements de L'italophilie*. Paris: École d'Architecture de Paris-Villemin, 1984.
- COHEN, Jean-L. “Da Afirmação Ideológica à História Profissional”. In: *Desígnio: Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*. São Paulo: Annablume; FAUUSP, 2011, n. 11/12 (mar.) [tradução Christian Borges; revisão José Lira].
- CONTIER, Felipe de A. *O Edifício da Faculdade de Arquitetura de Urbanismo na Cidade Universitária: Pprojeto e Construção da Escola de Vilanova Artigas*. 2015. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
- COSTA, Eduardo A. *Arquivo, Poder, Memória: Herman Hugo Graeser e o Arquivo Fotográfico do IPHAN*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2015.
- DAMISCH, Hubert. “Uma Mulher, Portanto: Le Déjeuner sur l’herbe”. In: *Ars*, vol. 16, n.32, p. 59-72, 2018.
- DEDECCA, Paula G.; SODRÉ, João C. de A. “Cultura e Política nas Publicações dos Estudantes da FAUUSP, 1950-1972”. In: LIRA, J. T. C. de (org.). *História e Cultura Estudantil: Revistas na USP*. São Paulo: CPC-USP/Edusp, 2012, p.162-185 (Cadernos CPC; 9).
- FERNANDES, Ana (org.). *Acervo do EPUCS: Contextos, Percursos, Acesso*. Salvador: UFBA, 2014.
- GUTIÉRREZ, Ramon. “Os Arquivos de Arquitetura no Contexto Latino-Americano”. In: KAUFFMAN, Jordan. *Drawing on architecture: The Object of Lintes, 1970-1990*. Cambridge (USA): The MIT Press, 2018.
- LAVIN, Sylvia. *Architecture itself and Other Postmodernization Effects*. Montreal: Canadian Centre for Architecture; Leipzig: Spector Books, 2020.
- MOTTA, Lia; SILVA, Maria B. R. *Inventários de Identificação: um Panorama da Experiência Brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN - Edições do patrimônio, 1998.
- PESSÔA, José (org.). *Lúcio Costa: Documentos de Trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN - edições do patrimônio, 1999.
- POULOT, Dominique. *Uma História do Patrimônio no Ocidente, Séculos XVIII-XXI: do Monumento aos Valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ROZESTRATEN, Artur S.; SANTOS, Cibele de A. C. M. dos; LIMA, Vânia M. A. “Arquigrafia: Ambiente Colaborativo Web de Imagens de Arquitetura”. In: *Informação & Tecnologia* (ITEC), Marília/João Pessoa, v.5, n.2, p.66-80, jul./dez.2018.

SANCHES, Maria L. F. *Construções de Paulo Ferreira Santos: a Fundação de uma Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil*. 2005. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História da PUC-Rio, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2005.

SCHENKMAN, Raquel F. *Modernização do Trabalho da Arquitetura: Três Edifícios em São Paulo*. 2009. (Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Joana M. de C. *O Arquiteto e a Produção da Cidade: a Experiência de Jacques Pilon, 1930-1960*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

SODRÉ, João C. de A. *Arquitetura e Viagens de Formação pelo Brasil (1938-1962)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VASCONCELLOS, Sylvio. *Vocabulário Arquitetônico*. Belo Horizonte: s. n., 1961.

WRIGHT, Gwendolyn; PARKS, Janet (orgs.). *The History of History in American Schools of Architecture, 1865-1975*. New York: The Temple Hoyne Buell Center for the Study of American Architecture; Princeton Architectural Press, 1990.

Páginas da web:

<https://www.architekturmuseum.de/en/collection>. Acesso em 25 out. 2020.

https://www.architekturmuseum.de/en/student_publications/architektur-sammeln-dokumentieren-und-pra%cc%88sentieren-2/ Acesso em 21 out. 2020.

<http://www.arquivohistorico.salvador.ba.gov.br/epucs.html>. Acesso em 12 out. 2020.

<https://www.artstor.org/about>. Acesso em 30 out. 2020.

<https://www.sah.org/publications-and-research/sahara>. Acesso em 30 out. 2020.

<https://www.artstor.org/collection/avery-gsapp-architectural-plans-and-sections-columbia-university>. Acesso em 30 out. 2020.

<https://www.iabsp.org.br/rede-de-acervos-de-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em 30 out. 2020.

<https://www.arquigrafia.org.br/project>. Acesso em 01 nov. 2020.

<https://revistazum.com.br/radar/arquigrafia>. Acesso em 01 nov. 2020